

O método dialético na produção de conhecimento nas Ciências Sociais

Nilson Nobuaki Yamauti

Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil; e-mail: nilson.yamauti@uol.com.br

RESUMO. Este artigo propõe uma leitura do *Método da Economia Política* esboçado por Karl Marx bem como a transposição de alguns de seus conceitos e princípios na produção de conhecimento a respeito do modo de ordenamento de *formações nacionais*. O método da *totalidade* é sugerido como forma de se conhecer concretamente um *espaço nacional* historicamente determinado.

Palavras-chave: Metodologia das Ciências Sociais, materialismo dialético, marxismo, totalidade concreta, espaço nacional.

ABSTRACT. The dialectic method of knowledge production in the Social Sciences. This article proposes a reading of the *Political Economy Method* sketched by Karl Marx as well as the transposition of some of its concepts and principles to the production of knowledge on the arrangement of *national formations*. The *totality* method facilitates the acquisition of concrete knowledge on the historically determined *national space*.

Key words: Methodology of the Social Sciences, Dialectic Materialism, marxism, concrete totality, national space.

Introdução

A leitura de *O método da Economia Política* — manuscrito deixado por Karl Marx (1978) — tem suscitado interpretações diversas. Apresentaremos aqui uma interpretação desse texto orientada por experiências pessoais do autor do presente artigo referentes à produção de conhecimento na área de Ciências Sociais, com base no método dialético.

Sugerimos a transposição de alguns princípios e conceitos empregados neste texto de Marx no estudo de *formações nacionais* sob o ponto de vista da *totalidade*. E, ainda, propomos a definição de alguns conceitos para o desenvolvimento do estudo das relações de ordem superestrutural que ocorrem no interior de *espaços nacionais* historicamente determinados.

Método de produção de conhecimento

No *Método da Economia Política*, Marx (1978) propôs o que ele considera o método científico correto.¹ Trata-se de começar pelo real e *concreto*, pelo que se supõe efetivo, pelo *concreto* inicialmente representado. Estendendo este método para as Ciências Sociais, propomos que o ponto de partida seja o *espaço nacional* tomado como *totalidade* histórica

e enquanto realidade empiricamente apreendida. No início do processo de produção de conhecimento, a representação dessa realidade, constituída por observações sensoriais, seria caótica. Na época contemporânea, o *espaço nacional* tornou-se uma realidade extremamente complexa visto que resultante de um longo processo de sedimentação histórica. Este espaço historicamente determinado — que denominaremos também *formações nacionais* — apresenta uma intrincada rede de relações formada por indivíduos, grupos, classes, organizações e empresas cujas ações podem, ou não, ser ordenadas por instituições sociais.² Mais complexa ainda são as relações entre os domínios do Estado, do Direito, da Sociedade e da Família e, sobretudo, as relações existentes entre Estados-nações. Seria humanamente impossível compreender essa complexa rede de determinações recorrendo apenas à observação empírica.³

Certamente, para os pesquisadores contemporâneos das Ciências Sociais, a tarefa de apreensão do objeto assim definido tornou-se menos complicada porque já foram produzidas teorias

¹Consultar uma outra versão deste mesmo texto de Marx publicada em 1977.

²Optamos pela designação *formações* ou *espaços nacionais*, em lugar de *Estados-nações*, para evitar confusões deste conceito com o conteúdo semântico das expressões: *domínio do Estado* e *aparelho de Estado*.

³Não se trata aqui de menosprezar o conhecimento derivado da observação empírica. A concepção dialética de produção de conhecimento supõe a prevalência das categorias ontológicas sobre as operações lógicas do pensamento.

sociais com categorias, conceitos, princípios e hipóteses fundamentais mais ou menos consolidados. A representação inicial que temos do *espaço nacional* não é, por isso, tão caótica quanto foi para os precursores da ciência da sociedade.

De acordo com o método de produção de conhecimento inspirado nas proposições esboçadas por Marx, o real empírico, o objeto de conhecimento, deve passar, em primeiro lugar, pelo processo da *análise*. Ou seja, a realidade objetiva deve ser decomposta em representações cada vez mais simples para que se torne possível isolar, identificar e reconhecer as células constituintes da realidade nacional tomada em sua totalidade, bem como as relações mais primárias, gerais, abstratas, que determinam este todo. Marx assinala que o processo de fragmentação do todo empírico nos conduz a categorias cada vez mais simples, a abstrações cada vez mais tênues, até atingir-se as determinações as mais simples. As categorias, os conceitos, princípios e hipóteses da teoria escolhida pelo pesquisador devem facilitar a identificação dos elementos parciais constituintes do objeto de investigação isolados mediante a operação de *análise*.

Neste primeiro momento do processo de conhecimento do objeto, é possível chamar a atenção para dois movimentos do pensamento no sentido da abstração. O primeiro consiste no isolamento de partes do todo que não possuem significados *concretos* a não ser quando inter-relacionados como um todo. A abstração possibilita conceber como isolados os elementos resultantes da decomposição analítica que podem ser indissociáveis na vida real. O segundo movimento consiste na supressão das características singulares dos elementos identificados mediante a operação da *análise*. Com esta supressão, preserva-se apenas aquilo que é essencial e comum a elementos similares, da mesma natureza, existentes no mundo objetivo. É mediante essa forma de abstração que se torna possível a produção de categorias e conceitos. E estes produtos-ferramentas do processo de *análise* viabilizam o movimento do pensamento e constituem a matéria primordial da produção de conhecimento nas Ciências Sociais.

Feita a *análise*, será preciso efetuar o processo inverso mediante a operação da *síntese*. Este movimento consiste na recomposição dos elementos que foram identificados pela *análise* a partir da fragmentação do objeto enfocado enquanto *totalidade*. A *síntese* exige, inicialmente, a classificação ou a localização estrutural dos elementos constituintes do todo a fim de se obter certa ordem no caos formado pela desconexão total destes elementos. Se a teoria

social escolhida pelo pesquisador proporcionar uma representação estrutural do todo, com princípios de ordenação mais ou menos assentados, essa tarefa se tornará bem menos complexa. Nesse caso específico, a teoria funcionaria como um modelo, um mapa, um esquema ou diagrama que orientaria o pesquisador na montagem das peças do quebra-cabeça denominado *espaço nacional*. É preciso ter em conta que a teoria social não nos fornece jamais uma representação, mesmo que aproximada, do objeto enquanto *totalidade*. Oferece apenas orientações e pistas para a rearticulação dos componentes do objeto que concebemos como *totalidade*⁴.

Durante o processo da *síntese*, poderá ocorrer a descoberta de elementos novos presentes na constituição da realidade nacional tomada como objeto de conhecimento. Essa descoberta exigirá a criação de novos conceitos ou categorias. Poderá ocorrer, também, a revelação de relações gerais, de nexos dialéticos, que vão propiciar uma melhor compreensão da forma como um determinado *espaço nacional* está estruturado e, dessa forma, uma melhor compreensão das fontes da contradição, ou seja, dos fatores potenciais de sua transformação.

Se as Ciências Sociais pudessem concluir a montagem de todas as peças do seu complexo quebra-cabeças oferecendo a compreensão de todos os nexos que articulam o *espaço nacional* enquanto *totalidade* estruturada, poderíamos afirmar que passamos a ter um *conhecimento concreto* deste objeto. O problema é que o referido objeto não é estático e apresenta uma velocidade de transformação que não se observa nos objetos estudados pelas ciências da natureza. Ele se configura cotidianamente por decisões e ações de diferentes agentes sociais com um certo grau de autonomia.⁵

O resultado do processo da *síntese* — uma rica *totalidade* com múltiplas determinações ou relações — oferece, enfim, a compreensão da forma como um dado *espaço nacional* está estruturado em dado momento do processo de seu desenvolvimento histórico.⁶ Conclui-se que o conhecimento é produzido pelo pensamento mediante a operação de inter-relacionamento do conjunto de componentes obtidos mediante a decomposição do todo empírico efetuada pela operação da abstração. Em outros

⁴A recomposição processada pela *síntese* não pode ser arbitrária, ou seja, não deve ser orientada, primordialmente, no sentido lógico. O caráter ontológico do método exige um olhar atento às conexões existentes no mundo objetivo; exige a consideração do conteúdo objetivo dos conceitos e princípios teóricos.

⁵Vale ressaltar que o objeto das Ciências Sociais assume muito maior complexidade ainda em relação às ciências da natureza, por envolver questões de valor, além de elementos de caráter simbólico decorrentes da subjetividade humana.

⁶Lukács (1974) supõe que a noção de *totalidade* caracteriza o método marxista de abordagem da realidade social. E este método distinguiria a corrente marxista de pensamento das demais.

termos, o essencial do método científico consistiria na descoberta de relações presentes na realidade através da operação de *síntese*.⁷

A *totalidade* resultante das operações de pensamento, enquanto representação *dialética* do objeto de conhecimento, seria *concreta* porque a realidade foi rearticulada de forma estruturada produzindo um sentido que não contradita com os fatos observados cotidianamente. Os múltiplos elementos que compõem essa *totalidade* foram inter-relacionados em uma rede de conexões complexas. Estes elementos, ricos em determinação, deixaram, assim, de ser componentes abstratos, isolados, sem conteúdo, sem nexos ontológico. Seus significados passaram a emergir de uma rede de relações, ou de determinações, que se constitui como *totalidade concreta*.

Devido à contínua transformação que ocorre na realidade objetiva, devido às limitações naturais da cognição humana, o princípio da *totalidade* sugeriria apreensões provisórias, sempre inacabadas, devendo, por isso, ser compreendido mais precisamente como método de produção de *esquemas de definição* de um objeto em processo de estudo coletivo permanente. Carlos Nelson Coutinho (1994) assinala, nesse sentido, que o marxismo busca não uma *totalidade* fechada e definitiva, mas um processo de *totalização*. Neste processo, o todo seria compreendido como algo aberto e altamente dinâmico. Dessa forma, os objetos analisados perderiam a sua aparente naturalidade, convertendo-se em estados transitórios de um devir ininterrupto.

Totalidade abstrata e totalidade concreta

Designamos *totalidade abstrata* o resultado de um trabalho de *síntese* das interpretações já realizadas sobre *formações nacionais*, historicamente determinadas, com características comuns. Essa *totalidade*, que privilegiaria as relações funcionais sistêmicas mais gerais, faria a abstração das categorias *tempo* e *espaço geográfico*.

A *totalidade abstrata* não deve ser compreendida como conhecimento de validade universal. Constitui um simples referencial, um guia para as operações de *análise* e *síntese* a serem efetuadas no estudo de casos singulares de formação nacional. Mais precisamente, referencial que proporcionaria os conceitos necessários para a tarefa de *análise*, isto é, para a operação de identificação e distinção de cada elemento essencial que constitui a realidade nacional singular a ser interpretada. A *totalidade abstrata*,

enquanto um referencial, sugere, também, *relações* e *princípios de ordenação* que subsidiam a operação da *síntese*, ou seja, a recomposição dos elementos da realidade desmontada através da *análise*. A *totalidade abstrata* pode, ainda, oferecer pistas para o preenchimento das lacunas observadas durante a recomposição das partes componentes do objeto. Tais lacunas aparecem, por exemplo, quando faltam elementos identificados plenamente por conceitos. O processo da *síntese*, compreendido como momento de confrontação entre as dimensões da *universalidade* e da *singularidade*, entre a teoria e o objeto empírico, possibilitaria, enfim, a percepção das articulações existentes na realidade objetiva e, desse modo, a percepção das regularidades ou invariâncias, além das especificidades presentes no caso singular em estudo.⁸

Em suma, sugerimos como *totalidade concreta*, mais especificamente nas Ciências Sociais, o resultado do processo de *análise* e *síntese* no estudo de um caso singular de formação nacional. Reiteramos que essa *totalidade*, produto da relação gnosiológica *totalidade abstrata-formação nacional historicamente determinada*, antes de constituir uma expressão fiel desse caso singular, seria um esboço permanentemente provisório que poderia orientar novas operações de *análise* e *síntese*, novos estudos dessa mesma realidade a serem realizados para ampliar o grau de determinação do objeto⁹. O grau de *concreticidade* assim atingido seria expressão da incorporação de elementos, princípios e relações que não estavam ainda identificados, bem como da apreensão das transformações ocorridas. Da *síntese* de um conjunto de interpretações de casos singulares diversificados, ou seja, da *síntese* de um conjunto de interpretações realizadas na forma de *totalidade concreta*, resultaria, então, o que denominamos *totalidade abstrata*. Deste modo, seria fechado o círculo dialético de produção de conhecimento nas Ciências Sociais.¹⁰ Espera-se que o desenvolvimento deste processo de produção de conhecimento durante algumas centenas de anos propicie uma *teoria da história* capaz de subsidiar a explicação das transformações que ocorrem na forma de organização dos homens em sociedade.¹¹

Acreditamos que o método de apreensão da realidade nacional enquanto *totalidade concreta* não conflita com o estudo de alguns de seus aspectos

⁸Sobre as operações de *análise* e *síntese*, ver, por exemplo, Lefebvre (1979).

⁹A noção de *totalidade* que sugerimos pode ser confrontada com aquela proposta por Kosik (1976).

¹⁰A respeito do processo dialético de desenvolvimento do conhecimento, consultar, por exemplo, Cheptulin (1982).

¹¹Estas proposições podem ser confrontadas com um estudo sistemático realizado por Fleischer (1978).

⁷Caio Prado Jr. (1980) salienta que é no processo de progressiva determinação de relações que se constitui o conhecimento.

isolados desde que este estudo tome como referencial a formação nacional enquanto *totalidade abstrata*. As duas formas de abordagem poderiam ser consideradas complementares, devendo intercambiar contribuições. Um arqueólogo que analisa um fragmento isolado de um vaso de uma cultura extinta pode revelar a composição do material empregado, bem como o método de cozimento, os pigmentos utilizados na pintura, a antiguidade do objeto. Um outro arqueólogo que se preocupasse com a reconstituição do mesmo vaso juntando seus fragmentos poderia obter informações de outro tipo, como aquelas referentes à cultura, concepção estética e visão de mundo do povo que produziu este objeto. A troca de informações entre estes arqueólogos seria, certamente, importante para o conhecimento dessa cultura extinta. Nesse sentido, o domínio absoluto de um enfoque metodológico, em detrimento do outro, poderia ser considerado prejudicial ao desenvolvimento da ciência. Em suma, o trabalho realizado por especialistas, focado em elementos isolados de *espaços nacionais*, deve subsidiar o trabalho de generalistas que buscam a compreensão destes mesmos *espaços nacionais* enquanto *totalidade*. E o conhecimento destes *espaços nacionais* como *totalidade concreta* deveria orientar os estudos de fragmentos dessa realidade realizados por especialistas.

A totalidade dinâmica

O método dialético supõe que o conhecimento da estrutura da realidade social, enquanto *totalidade concreta*, na medida em que propicia o conhecimento de suas contradições essenciais, é o suficiente para a compreensão do movimento de transformação que denominamos história.¹² A descrição de fatos que se sucedem de forma cronológica no plano superestrutural seria um trabalho superficial inútil porque não proporcionaria a compreensão das verdadeiras fontes das mudanças sociais que seriam de ordem estrutural.

Em razão deste princípio da dialética, o método esboçado por Marx vem sendo criticado por incorrer em *determinismos*. Os homens fazem a história, porém sem terem consciência e domínio sobre o movimento inexorável imposto pelas contradições de ordem estrutural existentes em cada modo de produção.¹³ Na verdade, a questão deve ser compreendida dialeticamente. Marx acreditava que a luta de classes era a fonte de produção do movimento histórico da humanidade, ou seja, as relações travadas entre agentes sociais, e não

movimentos cegos das estruturas, seriam as fontes motrizes da História. Considerando este princípio, Marx produziu algumas interpretações de tipo conjuntural que demonstram como os conflitos entre classes podem determinar o movimento que se percebe na superestrutura de uma formação nacional¹⁴.

Daí nasce uma questão teórica muito complexa. Podemos levantar a seguinte indagação: partindo dos princípios do materialismo histórico, seria possível localizar e compreender os vínculos dialéticos que existem entre as contradições de caráter estrutural e o movimento que se efetiva cotidianamente no plano superestrutural? Acreditamos que a resposta é claramente positiva em períodos de revolução social. Supõe-se que, nos períodos de latência das contradições, o movimento que ocorre no plano conjuntural poderia ser compreendido como uma sucessão de reajustamentos efetuados no plano superestrutural por agentes sociais em conflito. As interações entre estes agentes, urdidas em sua maior parte nas esferas institucionais, resultariam na efetivação da reprodução do formato de ordenamento do *espaço nacional*.

Seria preciso investigar se as decisões tomadas pelos agentes na esfera das relações políticas institucionalizadas — que, em termos imediatos, resultam em reprodução da ordem social — determinam algum tipo de efeito na esfera das relações infra-estruturais. Em outros termos, seria importante verificar se a atuação de agentes na esfera institucional pode aguçar as contradições iminentes ao sistema de ordenamento do *espaço nacional*. Por enquanto, temos observado que o equacionamento adequado de conflitos políticos, corporativos, ideológicos, religiosos, classistas e sociais, mediante o desenvolvimento de instituições políticas, econômicas e sociais, tem refreado o acirramento e a explosão das contradições estruturais.

Poderíamos afirmar de forma provisória que o estudo das relações superestruturais viabiliza a compreensão do modo como se reproduz o ordenamento de um *espaço nacional*. Enfatizamos a observação de que essa reprodução depende do desenvolvimento de instituições competentes no equacionamento de conflitos entre agentes sociais. Se considerarmos que as experiências de implantação do socialismo fracassaram no século XX, concluiremos que o conhecimento sobre a reprodução de uma ordem social é tão importante quanto o estudo da forma como ela pode ser

¹²Ver, por exemplo, o trabalho de J. E. Silva (2005).

¹³Marx (1978).

¹⁴A *guerra civil na França* e *18 Brumário* são duas interpretações deste tipo.

transformada.¹⁵

Sugerimos, até agora, a noção de *totalidade* preferencialmente do ponto de vista *sincrônico*, fazendo abstração da categoria *tempo* e considerando, assim, apenas as relações fixas, inertes, de ordem sistêmica. Os estudos a respeito da forma de reprodução de uma formação nacional podem incorporar as relações de *sucessividade* observadas cotidianamente no plano superestrutural.

Entendemos que não seria exatamente mediante a consideração da categoria abstrata *tempo* que se torna possível conferir sentido diacrônico à *totalidade concreta*. É, sim, a consideração das ações e interações entre *agentes sociais* o que confere caráter dinâmico à *totalidade concreta*.

Denominaremos *totalidade dinâmica* o conhecimento concreto de um *período* específico de uma determinada formação nacional. Essa forma de conhecimento teria como ambição exprimir as relações dialéticas existentes entre as contradições de ordem estrutural e os conflitos entre *agentes* de diversas origens, funções, posições e categorias sociais que afloram na dimensão superestrutural do *espaço nacional*.

Vamos sugerir, a seguir, algumas noções para caracterizar o que desejamos exprimir com o conceito de *totalidade dinâmica*. Designaremos como *período* o intervalo de tempo compreendido entre duas *configurações* diversas em alguns de seus aspectos essenciais facilmente identificáveis. *Configuração* seria a unidade elementar abstrata de uma *totalidade dinâmica*, isto é, um momento supostamente congelado do processo conjuntural que se desenvolve no plano superestrutural de uma formação nacional. A *configuração* supõe, portanto, a abstração das relações de *sucessividade* e a consideração apenas das relações de *simultaneidade*.¹⁶ Em cada *configuração*, teríamos agentes providos de algum tipo de conhecimento sobre a realidade nacional. Municiados por este conhecimento, os agentes: a) estariam cientes de que suas decisões serão condicionadas por fatores diversos de ordem estrutural e conjuntural, bem como pelos recursos disponíveis; b) produziram interpretações sobre a *situação objetiva* imediata que enfrentam a fim de formular uma estratégia de ação congruente com os seus propósitos. Suas decisões seriam baseadas,

inclusive, em suposições a respeito das reações dos demais agentes aos resultados a serem obtidos pela implementação de sua estratégia de ação. A execução da estratégia de ação assim formulada visaria, em última análise, à manutenção ou transformação da *situação* existente. A *configuração* seria, enfim, um sinônimo de *quadro conjuntural*.

Entenderemos como *processo* a sucessão de *configurações* que completam um determinado segmento de tempo, seja uma *conjuntura*, seja um *período*. A *configuração* atual seria determinada pela *configuração* anterior e seria determinante da *configuração* posterior. Os elementos desencadeadores dessa relação de *sucessividade* seriam, naturalmente, as ações implementadas pelos agentes diante de uma *situação* objetiva de conflito. A tentativa de compreensão de cada *configuração*, de forma isolada, sem uma visão ampla da *conjuntura* da qual ela é parte componente, resultaria em abstrações, não propriamente em conhecimento *concreto*. Com essa suposição, pretendemos sugerir que a inteligibilidade das ações efetivadas por agentes sociais no plano superestrutural não seria oferecida pela compreensão das relações de *sucessividade* que configuram a realidade enquanto *processo*. A fonte motriz da *sucessividade* no plano *superestrutural* de uma unidade nacional seria, portanto, os conflitos de diversas ordens que opõem agentes sociais no interior de uma formação nacional. Motivados para interferir em uma dada *situação objetiva*, a fim de realizar determinados propósitos, um grupo de agentes entraria em conflito com outros que teriam, também, suas motivações próprias. Podemos ressaltar, assim, que as *interações* entre agentes constituem a realidade social enquanto *processo*; e que a compreensão da seqüência que compõe este *processo* pode tornar menos complexa a suposição das intenções imediatas de cada um destes agentes.

Consideraremos *conjuntura* cada um dos segmentos que constituem um *período*. As *conjunturas* seriam demarcadas por *situações objetivas* diversas. *Situação* seria o objeto imediato sobre o qual os agentes exercem uma ação a fim de alcançar determinados fins. Uma dada *situação* seria efeito de uma seqüência de ações anteriores, isto é, efeito da forma como os agentes enfrentaram as *situações* no passado e do modo como outros agentes reagiram aos resultados dessas ações. Cada *situação objetiva* seria constituída pela combinação singular de fatores de ordem estrutural e superestrutural; institucional, político, econômico e social; internos e externos; históricos e conjunturais.¹⁷

¹⁵Os estudos que desenvolvemos até agora sobre a forma de reprodução de formações nacionais (Yamauti, 1994 e 1999) nos permitem supor a impossibilidade de construção de um tipo alternativo de ordenamento das relações sociais sem a criação de instituições competentes no equacionamento de conflitos.

¹⁶*Sucessividade* e *simultaneidade* são termos empregados por Kant (1991) em *Crítica da razão pura*. Desconhecemos nos textos de Marx considerações de ordem metodológica específicas a respeito de análises de conjuntura.

¹⁷Uma *configuração* supõe um quadro conjuntural completo, inclusive a posição dos agentes nesse quadro, e é determinada, inclusive, por fatores de ordem estrutural. *Situação* supõe apenas o objeto imediato sobre o qual os agentes exercem a sua ação.

Cada *conjuntura* deve ser compreendida a partir da visão do *período* como um todo; cada *período*, como parte da história da formação nacional em estudo e assim sucessivamente, tendo no horizonte a compreensão mais abrangente da história de uma civilização bem como da história da humanidade.

Em suma, denominaremos *totalidade dinâmica* o conhecimento *concreto* de um segmento determinado da história de uma formação nacional. A *totalidade dinâmica* proporcionaria um conhecimento dialético da realidade nacional, pois, como percebeu Kant, “Somente no tempo, isto é, sucessivamente, podem duas determinações opostas contraditoriamente encontrar-se em uma mesma coisa”.¹⁸ Podemos acrescentar que se essa “coisa” for um *processo superestrutural*, a *configuração* final de uma dada *conjuntura* ou *período* poderia ser compreendido como o resultado de determinações contraditórias que afloraram em momentos sucessivos deste processo. A sua explicação não poderia, portanto, estar baseada na consideração de apenas uma das determinações, porém na *síntese* de todas para que essa explicação pudesse ser compreendida *concretamente*.

Podemos sugerir como *práxis conjuntural* a ação através da qual determinados agentes tentam transformar *situações* objetivas sob a orientação de um projeto previamente elaborado. Este projeto seria subsidiado pelo conhecimento do *espaço nacional*, obtido na forma de *totalidade concreta*, em que estes agentes atuam. Mais livre poderia ser considerada a atuação destes agentes quanto mais os resultados de suas ações correspondessem à sua intenção consciente. A *práxis conjuntural* seria o momento de comprovação pelos agentes da validade do conhecimento da formação nacional — produzido enquanto *totalidade concreta* — que orienta suas ações.¹⁹

A *totalidade dinâmica* seria, enfim, a expressão dialética de acontecimentos que ocorrem no interior de um *espaço nacional* em um período de tempo bem demarcado. A *totalidade dinâmica* pode exprimir transformações de caráter histórico em momentos de emergência das contradições estruturais que permaneciam latentes no *espaço nacional*. Marx caracteriza estes momentos como *revolução social*.

Para ilustrar a explicação que formulamos, cada fotograma de um filme de cinema, tomado isoladamente, exprimiria um momento congelado

do processo, isto é, uma *configuração*. Esta seria insuficiente para a compreensão de uma *cena* vista como um todo, embora servisse para a identificação e apreciação de seus elementos componentes. Da mesma forma, a *análise* de uma *cena* isolada, ou seja, de uma sequência de fotogramas, seria também insuficiente para a compreensão do *filme* como um todo. Podemos verificar, assim, que a inteligibilidade das *cenas* resulta da sequência de ações dos personagens; e a inteligibilidade do filme, da sequência de *cenas*; — em síntese, das relações de *sucessividade* que configuram o filme como um processo. E revendo cenas isoladas após ver o filme todo, a compreensão delas seria certamente mais *concreta*. Tomando como base um princípio basilar da dramaturgia, a fonte motriz do desenvolvimento do enredo seriam os conflitos vividos pelos personagens.

Considerações finais

Realizamos uma leitura do *Método da Economia Política*, de Karl Marx, com a intenção de exprimir nossa forma de entendimento da produção de conhecimento nas Ciências Sociais sob a perspectiva da *totalidade concreta*. De conformidade com essa perspectiva, propusemos os *espaços* ou *formações nacionais* como objetos de conhecimento das Ciências Sociais.

Concluímos que os estudos que tiverem como objeto a compreensão de períodos curtos da história de um determinado *espaço nacional* — na forma de *totalidade dinâmica* — poderiam revelar a natureza dos conflitos presentes numa dada *conjuntura*. Se tais conflitos tiverem relação direta com as contradições de caráter estrutural próprias do ordenamento dessa formação nacional — supõe-se — os agentes interessados na reprodução regular deste ordenamento enfrentarão grandes dificuldades em reformar as instituições devido ao processo inevitável de radicalização política.

O conhecimento obtido mediante este método possibilitaria, enfim, a compreensão dos vínculos dialéticos existentes entre as dimensões estrutural e superestrutural de uma formação nacional. E essa compreensão tornaria possível a percepção da forma como o ordenamento dessa formação social é reproduzido e, quem sabe, como pode ser transformado. Permitiria, também, perceber quais situações indicariam um período de transformações estruturais da formação nacional.

Temos consciência da complexidade dessa questão. Esboçamos aqui algumas hipóteses e proposições que requerem programas de pesquisa bastante longos e intensos, bem como a efetivação

¹⁸Kant (1991).

¹⁹Marx (1979) assinala que “A questão de saber se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva não é uma questão teórica, mas *prática*. É na *práxis* que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno de seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não realidade do pensamento isolado da *práxis* é uma questão puramente *escolástica*.” Cf. Vázquez (1977).

do princípio da *práxis*, para que sejam adequadamente verificadas. Acreditamos que as proposições metodológicas legadas por Marx são fecundas e podem orientar este ambicioso programa de estudos e avaliações.

Referências

- CHEPTULIN, A. *A dialética materialista*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.
- COUTINHO, C.N. *Marxismo e política*. São Paulo: Cortez, 1994.
- FLEISCHER, H. *Concepção materialista de história*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- KANT, I. Crítica da razão pura. In: *Os pensadores*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*, 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE, H. *Lógica formal, lógica dialética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. Porto: Escorpião, 1974.
- MARX, K. Para a crítica da economia política. *Os pensadores*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARX, K. As lutas de classes na França de 1848 a 1850. In: *Textos*, v. III, São Paulo: Alfa-Omega, s/d.
- MARX, K. A guerra civil na França. In: *Textos*, v. II, São Paulo: Alfa-Omega, s/d.
- MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MARX, K. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: *Os pensadores*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARX, K. Teses sobre Feuerbach. In: *A ideologia alemã*. 2. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- PRADO JR., C. *Dialética do conhecimento*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- SILVA, J.E. A realidade da abstração. *O Comuneiro*. [s.l], set. 2005. Disponível em: <http://www.ocomuneiro.com/paginas_arealidedaabstractao.htm>. Acesso em: 16 mar. 2006.
- VÁZQUEZ, A.S. *Filosofia da práxis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- YAMAUTI, N.N. *Governo Goulart: processo ideal e processo real na reprodução política do capital*. 1994. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- YAMAUTI, N.N. *Governo Collor: capitalismo e democracia no Brasil*. 1999. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

Received on April 04, 2006.

Accepted on October 19, 2006.